

ESCRITA

Alexandre Sales Macedo Barbosa

Eu sempre fui tímido. O tímido clássico. Fui uma criança tímida, um adolescente tímido, um adulto tímido. E desde criança, adolescente e até hoje sempre me perguntei as causas dessas timidez. A causa que mais vezes invoquei (invoco-a desde adolescente, eu acho) foi de ter pais que falam muito. Isso pode parecer uma contradição do ponto de vista genético, mas, afinal, timidez não é coisa que se transmita nos genes. (Ou talvez seja, não sei. Sempre fui péssimo em questões de Biologia. Aliás advirto desde já ao leitor desta crônica que porventura seja biólogo que não se ria da minha ignorância na questão; a precisão científica não é em nada importante para este meu raciocínio, e logo se verá). Em todo caso, minha hipótese de adolescente é algo darwiniana (não ria leitor-biólogo): não me adaptei ao meio. Sempre que a criança ainda-não-tímida tentava falar, era cortada, tinha sua fala suplantada pelos adultos. Somente anos depois, na Universidade, eu saberia que existe um nome científico para isso. Assalto ao turno. E, mais, existe o assalto ao turno *com* ou *sem deixa*. Peço licença ao leitor para introduzir, neste gênero crônica, uma citação acadêmica: “Desde pequenos estamos convivendo com uma regra básica da Análise da Conversação, pois os mais velhos nos ensinam que devemos *falar um de cada vez*. Esperar para falar significa esperar a ocorrência de um *lugar relevante para a transição*, na fala do nosso interlocutor.” (Dionísio, 2012). Era isso! Lendo este trecho me senti vingado pela Linguística. A causa primordial de minha timidez era, estava evidente, que meus pais não eram linguistas. Eram assaltantes. Eu nunca conseguia concluir um raciocínio sem que me assaltassem o turno: perdia a competição pela sobrevivência conversacional. É a lei da seleção conversacional: aqueles que não se adaptam ao meio estão fadados à extinção. Mas este não é um texto sobre a timidez. Não fiz esta crônica para falar de problemas de infância, buscar suas causas etc. Essa introdução hipertrofiada serviu para introduzir, ao contrário, seus efeitos, o principal deles, o que dá título ao texto, se é que o leitor (a esta altura já impaciente, principalmente se for biólogo ou linguista) ainda se lembra dele depois de tantas linhas, e que é o seu verdadeiro assunto: a escrita.

A escrita foi o meu refúgio contra os assaltos. Foi e ainda é, cada vez mais. É onde posso dar livre passagem a meus pensamentos, sem precisar me preocupar se deixei ou não deixa para os assaltantes. Só no escrever consegui concluir minhas frases e, ao contemplá-las no papel,

também me conheci de verdade. Pode parecer frase clichê dizer que “Só me descobri na escrita”. Que seja. Só me descobri na escrita. Mesmo. E gostei da descoberta, pois ninguém mais pode roubá-la.